



População em situação de rua em cidades novas: a práxis evangélica diante dessa realidade social

*Homeless population in new cities:
evangelical praxis in the face of this social reality*

Wander de Lara Proença

*Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana e no PPG em
História Social da Universidade Estadual de Londrina*

Elisabete Fabiana da Paz Santos

Faculdade Teológica Sul Americana

Resumo: O artigo analisa a práxis evangélica em relação à população em situação de rua no contexto de cidades novas, formada por indivíduos especialmente desprovidos de moradia, em condição vulnerável, sem emprego e com rompimento de vínculos familiares. A abordagem se fundamenta em um debate multidisciplinar, na interface com a teologia prática. Metodologicamente, os conteúdos decorrem de análise bibliográfica, depoimentos e observações participantes. Os resultados obtidos indicam que, mesmo havendo expressiva representatividade evangélica na cidade selecionada para estudo, apenas quatro igrejas desenvolvem atividades voltadas a esse público, em razão de indiferença, desconhecimento ou preconceito, e que, para uma práxis mais efetiva, requer-se um trabalho de parceria entre as igrejas e destas com o poder público, investimentos de mais recursos para ampliação do trabalho social já existente, além de maior conscientização dos evangélicos sobre o papel social a ser desempenhado em favor dos que se encontram em vulnerabilidade.

Palavras-chave: População em situação de rua. Evangélicos. Cidades novas.

Abstract: The article analyzes evangelical praxis in relation to the homeless population in the context of new cities, made up of individuals who are especially homeless, in a vulnerable condition, without employment and with broken family ties. The approach is based on a multidisciplinary debate, at the interface with practical theology. Methodologically, the contents derive from bibliographic analysis, testimonials and participant observations. The results obtained indicate that, even though there is significant evangelical representation in the city selected for study, only four churches develop activities aimed at this public, due to indifference, lack of knowledge or prejudice, and that, for a more effective practice, work is required partnership between churches and between churches and public authorities, investment of more resources to expand existing social work, in addition to greater awareness among evangelicals about the social role to be played in favor of those who are vulnerable.

Keywords: Homeless population. Evangelicals. New cities.

Introdução

A rua tem sido cada vez mais o endereço de moradia e sobrevivência de indivíduos ou famílias, desprovidos de moradia, sem emprego e com vínculos familiares de origem por vezes interrompidos. O decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, descreve essa composição social nos seguintes termos:

[...] grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.⁴⁴³

Esse artigo analisa a presença da população em situação de rua, particularmente no contexto de cidades novas, as quais podem ser conceitualmente definidas nos seguintes termos:

São cidades que podem ser caracterizadas como contemporâneas. A cidade contemporânea é um espaço social distinto pela eliminação das antigas formas de sociabilidade e por uma morfologia sempre transformada. São locais que se definem pela fluidez da paisagem, pela fugacidade das relações e pela transitividade das fronteiras espaço-temporais por onde caminham seus habitantes.⁴⁴⁴

Em geral, cidades novas “são tipos de cidades que modificam a sua paisagem de forma frenética”,⁴⁴⁵ o que significa dizer que “seu presente se inventa, hora a hora, no ato de deitar fora suas realizações prévias e desafiar o futuro”.⁴⁴⁶ Enquadram-se nessa classificação núcleos urbanos com até um século de existência ou que tenham sido criados ao longo do século XX. As políticas governamentais de interiorização do país, na primeira metade do século passado,⁴⁴⁷ impulsionaram o surgimento de diversas cidades com esse perfil. Nesse contexto, as regiões Norte e Noroeste do Paraná, por exemplo, a partir de um empreendimento público-privado, possibilitaram o

⁴⁴³ BRASIL. Decreto n. 7053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. 2019. [online].

⁴⁴⁴ CARLOS, Ana F. A. *Espaço e tempo na metrópole*. São Paulo, Contexto, 2001, p.12.

⁴⁴⁵ ZANIRATO, Silvia Helena. O patrimônio cultural em cidades novas. Leituras da política patrimonial paranaense. II encontro cidades novas - a construção de políticas patrimoniais: Mostra de Ações Preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do País. Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Londrina-PR. 13 a 16 de outubro de 2009, p.12. [online].

⁴⁴⁶ CERTEAU, Michel. *Andando na Cidade*. Cidade Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n.º 23, 1994, p.21.

⁴⁴⁷ A ocupação de fronteiras e criação de cidades foram impulsionadas pela política expansionista na Era Vargas (1930-1945). Apregoava-se a valorização da “brasilidade”, unidade e integração do sertão ao restante do território já assegurado. Ver CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Unesp, 2008, p.147.

desenvolvimento de cidades como Londrina e Maringá. O artigo em pauta recorta ou delimita o contexto de Londrina para análise do tema proposto, entendendo que alguns dos parâmetros considerados se aplicam também nos estudos de outros contextos similares.

Fundada em 1934, atualmente com quase seiscientos mil habitantes, Londrina possui uma população em situação de rua em números bastante expressivos, observados sobretudo nas duas últimas décadas:

Uma cidade que caminha a passos largos para ser referência em moradias verticais e que atravessa o boom da construção civil, se destaca também pelo número de pessoas em situação de rua e de famílias que sobrevivem de renda zero.⁴⁴⁸

Mas ao longo de todo o processo de sua formação histórica, as ruas londrinenses têm sido ocupadas por grupos sociais desprovidos de moradia, com carências sociais expressas no “aumento da mendicância pelas ruas da cidade”,⁴⁴⁹ situação geradora de demandas por atenção assistencial do poder público e de entidades filantrópicas.

Conceitualmente, a abordagem elaborada se situa campo da práxis teológica, a partir da observação de experiências e atitudes expressas por meio do comportamento e serviço cristão, sob o olhar da Teologia Prática.⁴⁵⁰ Uma perspectiva que considera o debate multidisciplinar entre Teologia, História e Ciências Sociais, em busca de compreensão e prática mais adequadas ao exercício da cidadania no contexto atual da sociedade brasileira. Nesse sentido, o artigo analisa qual tem sido o comportamento da igreja ou instituições evangélicas diante da realidade social que envolve a população em situação de rua? No caso das igrejas que atuam nestas frentes, quais são suas estratégias, que parceria têm com o poder público ou com setores administrativos do município, para realização de suas atividades? Há exemplos positivos da práxis evangélica frente a essa demanda, que poderiam ser apontados como referência para ampliação desse cuidado assistencial?

Metodologicamente, os conteúdos apresentados decorrem de análise bibliográfica,⁴⁵¹ depoimentos⁴⁵² e observações participantes nos trabalhos práticos realizados, considerando que tal procedimento “possibilita inserção mais densa nas práticas e representações vivenciadas pelas respectivas expressões religiosas

⁴⁴⁸ FOLHA de Londrina. A invisível vida nas ruas de Londrina. Homens e mulheres com histórias singulares usam as ruas e espaços públicos da cidade como moradia e lutam para sobreviver. 03/03/2021. [online].

⁴⁴⁹ LEME, Edson Holtz. *Noites ilícitas*. Histórias e memórias da prostituição. Londrina: Eduel, 2009, p.32.

⁴⁵⁰ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Fundamentos da Teologia Prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

⁴⁵¹ Ou seja, “o uso de publicações em forma de livro, revistas, materiais da imprensa escrita ou disponíveis de forma online, tendo a finalidade de colocar o (a) pesquisador (a) em contato direto com o já foi produzido sobre o respectivo tema”. LAKATOS, E. M. MARCONI, M.A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003, p.44-45.

⁴⁵² Esse artigo resulta de uma pesquisa de dissertação de mestrado, razão pela qual os procedimentos adotados no trabalho de campo foram submetidos ao parecer de um comitê de ética, tendo deste obtido recomendação favorável, conforme exigências acadêmicas regulatórias nesse tipo de abordagem.

escolhidas para estudo”, visto que “por esse método o pesquisador acompanha, de modo mais próximo, o evento de sua investigação”.⁴⁵³

1 As ruas idealizadas na cidade-jardim

Fruto de um projeto de parceria do Estado brasileiro com uma companhia colonizadora britânica – tendo como subsidiária a Companhia de Terras Norte do Paraná - Londrina foi planejada para ser a “Terra da promessa”, a Nova Canaã, lugar de gente ordeira, voltada ao trabalho, estruturada no modelo de família nuclear, uma cidade cristã, com o cariz da ética protestante estudada por Weber.⁴⁵⁴ Idealizou-se a construção de uma “cidade-jardim”. Tal conceito foi originalmente elaborado pelo inglês Ebenezer Howard (1850-1928), um urbanista que projetou, a partir do século XIX, um modelo de cidades mais saudáveis, diante do debate que havia sobre os prejuízos causados à vida urbana pelo acelerado processo de industrialização nas cidades inglesas. Pesquisadores apontam a hipótese “de que os projetos da região do Norte Novo do Paraná e de suas principais cidades, Londrina e Maringá, apresentem influência do modelo das cidades-jardins, tal como idealizado por Howard”:⁴⁵⁵

Acredita-se que, quando a Companhia de Terras Norte do Paraná implantou seu programa de ocupação do território norte-paranaense, utilizou-se dos ensinamentos de Howard para elaborá-lo, transformando a região num exemplo único de urbanização no Brasil.⁴⁵⁶

Situada atualmente entre as quatro maiores cidades do sul do país, Londrina se projetou como modelo de um espaço urbano planejado e funcional:

Este ordenamento objetivava a reprodução do capital inglês e acabou por manter, sob seu controle, todo crescimento e forma da cidade, bem como os mecanismos necessários para a manutenção da ordem proposta; um sonho inglês de ordem e decência, com planejamento que [...] supunha um número determinado de habitantes, que era a medida de seu projeto, a medida de seus interesses.⁴⁵⁷

⁴⁵³ PROENÇA, Wander de Lara. O método da observação participante: relevância e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. *Revista Aulas*, Unicamp, Dossiê Religião, n.4, abr./jul. 2007, p.1. [online].

⁴⁵⁴ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴⁵⁵ Conforme os seguintes trabalhos: SZMRECSANYI, Maria Irene. O modelo das cidades-jardins no norte do novo Paraná. *Revista USP / Pos FAUUSP*, n.8, 2000, p.177-197; BARNABÉ, Marcos Fagundes. *A organização do território e o projeto de cidade: O caso da Companhia de Terras Norte do Paraná*. São Carlos, 1989. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1989.

⁴⁵⁶ SUZUKI, Juliana Harumi. Considerações sobre o urbanismo de Londrina e suas relações como o modelo de cidade-jardim. *Terra e Cultura*, Unifil, ano XVIII, n.35, p.25, 2021.

⁴⁵⁷ ADUM, Sonia Maria S. Lopes. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930-1960)*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991, p.14.

Para obter êxito de seu empreendimento, a companhia britânica fez propagandas em larga escala no Brasil e exterior, por meio de panfletos com imagens e textos chamativos, além de anúncios em jornais e criação de escritórios de vendas em grandes centros, como a cidade de São Paulo. Com base na fertilidade da terra do norte do Paraná, projetaram-se representações do Eldorado, da Terra da Promissão, onde a riqueza seria facilmente obtida a partir do trabalho, especialmente no cultivo do café, o ouro verde. As produções memorialistas e jornalistas ajudaram a projetar a região, apresentando como elemento central um “discurso de felicidade”:

Na perspectiva dessas obras, o norte do Paraná é a Terra da Promissão, o Eldorado, a nova Canaã, o paraíso prometido da fertilidade, da produção agrícola abundante, das oportunidades iguais de enriquecimento para todos aqueles que quisessem trabalhar e prosperar.⁴⁵⁸

Além do que, essas abordagens, “não raro, trazem no bojo a ideia de uma ocupação e construção pacíficas do território, onde o capital e seus agentes foram, naturalmente, preenchendo os espaços, como se estes estivessem ansiando e esperando por aqueles”.⁴⁵⁹

Assim, notícias sobre a qualidade das terras da região se espalharam. O resultado foi a grande procura pela compra de lotes por gente dos mais diferentes lugares do Brasil, especialmente paulistas, mineiros e nordestinos, e por pessoas de diversas nacionalidades, provenientes da Alemanha, Itália, Japão e de tantos outros lugares. Cerca de 32 etnias se estabeleceram na região ao longo das duas primeiras décadas. O “ouro verde”, fertilizado pela terra roxa, fez com que em pouco mais de duas décadas Londrina ostentasse o título representativo de “capital mundial do café. O aeroporto da cidade, inaugurado em 1952, passou a ser o terceiro mais movimentado do país, pela circulação econômica que o café gerava, atraindo compradores, comerciantes e aqueles que buscavam os encantos da intensa vida noturna, com bares, restaurantes e boemia. Naquele período, a cidade se constituía cada vez mais em um símbolo da modernidade em pleno sertão paranaense, apresentando um cenário de transformação urbana, dotando-se de uma fisionomia alinhada aos padrões do que se entendia como progresso.⁴⁶⁰ A “Avenida Higienópolis” – dentre as mais conhecidas – ainda permanece como um marco simbólico desse passado, da “cidade higienizada”, ocupada por quem ostentava o sucesso alcançado:

Gradativamente, nos anos 40 e 50, nesta via urbana, as casas de alvenaria e as mansões surgiram, definindo o principal espaço de moradias de fazendeiros. Os moradores que residiram na avenida

⁴⁵⁸ ADUM, Sonia Maria S. Lopes. *Historiografia norte paranaense: alguns apontamentos*. In: ALEGRO, Regina Célia et al. (Orgs.). *Temas e questões para o ensino de história do Paraná*. Londrina: EdueL, 2008. p. 2-20, p.4.

⁴⁵⁹ ARIAS NETO, J. Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)*. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2008, p.5.

⁴⁶⁰ ARIAS NETO, 2008.

Higienópolis eram de maioria burguesa [...], por Londrina ser, na época, a capital mundial do café. As casas de alvenaria e mansões construídas entre as décadas de 30 e 60 pertenciam a engenheiros, médicos, comerciantes e a alguns barões do café.⁴⁶¹

Uma história memorialista, entretanto, enaltecedora dos triunfos gerados pela riqueza do café, com ideias de progresso e pioneirismo, não deve omitir os problemas sociais correlatos, como ser observará a seguir, visto que “outros odores invadiram o jardim”.⁴⁶²

2 As ruas (des)ocupadas na cidade nova

Como demonstrado, o cenário atrativo fez com que ocorresse um crescimento escalonário da cidade. Houve, com isso, o descontrole do planejamento inicialmente idealizado. O município atingiria nos anos de 1950 cerca de 70 mil habitantes, dos quais, quase a metade vivia no espaço urbano.⁴⁶³ Cidadãos que chegavam em busca de algo melhor, sentiam-se em um lugar de oportunidades e ambiguidades. Percebiam que as oportunidades não eram iguais para todos. Além disso, o conflito entre as classes se tornava cada vez mais acirrado:

A mistura dos corpos e dos fluxos urbanos, a confusão de pessoas ‘forasteiras’ que não paravam de chegar em levas e mais levas de migrantes, a mutação acelerada dos signos da urbe, a perda das referências e o obscurecimento da demarcação de espaços e territórios, tudo contribuía para a falência dos princípios de diferenciação e funcionalidade que se buscava imprimir aos espaços da cidade antes mesmo de sua fundação.⁴⁶⁴

Uma realidade de carência e desigualdades, bem cedo mostrou outra face da cidade-jardim, que não conseguiu oferecer riquezas a todos que vieram em busca do “ouro verde” cafeeiro. Migrantes que chegavam e não encontravam a riqueza almejada, tinham de se fixar em residências sem infraestrutura adequada, locais sem energia elétrica, esgoto e pavimentação.⁴⁶⁵ E outra parte representativa ocupou as ruas:

A chegada diária e sempre crescente de levas de migrantes não veio acompanhada da abertura proporcional do número dos postos de

⁴⁶¹ SILVA, Sara H. Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 30, 40, 50 e 60. *Anais do XIX EAIC* – 28 a 30 de outubro de 2010, Unicentro, Guarapuava –PR, p.1,2.

⁴⁶² LEME, 2009, p.31.

⁴⁶³ Na década de 1950 - período em que registrou uma população de 71.412 habitantes - 52,07 % viviam na zona rural e 47,93% na zona urbana (IBGE, 1950).

⁴⁶⁴ BENATTI, Antonio Paulo. *O centro e as margens: prosituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997, p.156.

⁴⁶⁵ ALVES, Jolinda de Moraes. *História da assistência social aos pobres em Londrina: 1940-1980*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2002.

trabalho. O aumento da miséria e da marginalidade acabou sendo uma consequência.⁴⁶⁶

Também no âmbito religioso, passaram a circular pelas ruas práticas de religiosidades e crenças heterodoxas, transgressoras do dogma cristão, expressas na oferta de serviços por videntes, curandeiros, benzedoras, cartomantes, dentro outros. Edson Leme - ao analisar como a cidade se constituiu, nos anos de 1940 e 50, na segunda maior do país em número de “casas de tolerância”, ou seja, bordéis ou zonas de prostituição - usa a expressão “ervas daninhas invadem a cidade-jardim”, para descrever o modo como se viu a chegada de grupos sociais “indesejáveis”, não previstos no ideário urbanístico planejado para Londrina:

Como “ervas daninhas”, malandros, cáftens, prostitutas, desocupados, jogadores etc. invadiram a aquela que fora idealizada para ser um jardim urbano, espaço ordenado e higiênico, onde o trabalho “honesto” deveria reinar.⁴⁶⁷

Sobre isso, também uma reportagem jornalística, em 1952, publicava:

Atraídos pelo progresso fenomenal de Londrina, vieram à nossa cidade povos de todos os recantos do país e até do universo. Gente boa, honesta e trabalhadora aportou por estas paragens. Acompanhando as levas de imigrantes internos, chegaram a Londrina centenas de maus elementos. Gatunos, vigaristas, charlatães, vagabundos e outros tantos desclassificados da sociedade [...].⁴⁶⁸

Outros personagens, portanto, “já bem cedo, fizeram sua estreia, desnudando o outro lado da ‘civilização’”. A prostituição local colocaria em xeque o “ideário de uma cidade higiênica, ordeira e disciplinada”. A violência cotidiana, visibilizada na luta do dia-a-dia dos grupos marginalizados, aparecia retratada nas páginas policiais dos jornais.⁴⁶⁹ O meretrício cresceu acompanhando o sucesso do café. Visto como um negócio lucrativo, houve um crescimento descomedido de casas de prostituição, que cada vez mais se aproximavam das residências de famílias. Com base em regramento moral ou religioso, territórios urbanos foram assim demarcados, em “lícitos” e “indevidos”. A classe dominante tentou resguardar o centro da cidade para os “cidadãos de bem”, almejando impedir a presença dos populares nestes espaços. Como primeiras medidas adotadas para se higienizar a cidade, houve a remoção forçosa desses grupos. Sempre que necessário, o jornalismo denunciava a partir da moral social da época a presença de “indesejáveis” e a polícia, por sua vez, intervinha, no propósito de deixar as ruas centrais de acesso restrito aos desocupados, que deveriam ficar concentrados nas regiões afastadas, como a Vila

⁴⁶⁶ LEME, 2009, p.31,32.

⁴⁶⁷ LEME, 2009, p.34.

⁴⁶⁸ FOLHA de Londrina, ago. 1952, p.2.

⁴⁶⁹ ADUM, 2008, p.21

Matos, lugar onde a polícia frequentava diariamente para vigiar e ali conter essa população.⁴⁷⁰

Ampliaram-se também as ações de controle em diversos setores: nas esferas da saúde – com campanhas de prevenção, controle de epidemias e doenças venéreas; da religião – com discursos fundados em princípios morais cristãos; da imprensa - disseminadora de padrões de conduta, comportamentos sexuais e sociais para as mulheres, polarizando as “moças de família” e as “moças mal faladas”; de segurança pública – pelas medidas repressivas por parte da polícia.⁴⁷¹

O tempo, entretanto, encarregou-se de instaurar rupturas nos territórios demarcados, promovendo amálgamas e circularidades que não respeitam as clivagens sociais ou morais: na década de 1970, as imediações do espaço que abarcava os bordéis mais luxuosos foram transformadas em cortiços ocupados pelos “deserdados do café”.⁴⁷² E ainda:

Nos anos de 1940 e 50, mais uma vez, com a intenção de progresso, a elite londrinense pela disputa de poder e política, expurgou os marginalizados da Vila Matos, para longe do centro da cidade, sendo distribuídos pelas periferias do município. Como prática de limpeza social e desenvolvimento, na década de 80 construiu-se por cima um edifício de estrutura moderna, complexa, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. E em 1988, sobre os escombros dos marginalizados, o terminal rodoviário de Londrina foi erguido. Por coincidência da modernidade, a construção brilhante e moderna se tornou porta de entrada para os desvalidos que procuram o sonho da “Nova Canaã”.⁴⁷³

Também no contexto mais recente, a ocupação das ruas continua chamando a atenção. Em 2018, a “Pesquisa Pop Rua”, realizada em conjunto pelo Ministério Público de Londrina, em parceria com a Defensoria Pública e Universidade Estadual de Londrina, revelou que a população em situação de rua em Londrina aumentou 314% desde o último levantamento feito em 2008. O relatório final identificou cerca de mil pessoas vivendo nessa condição, contra 296 da pesquisa anterior.⁴⁷⁴ Um dos coordenadores da pesquisa, analisa: “Londrina é uma cidade de grande potencial econômico e tecnológico, mas que, em contraponto, o progresso anda de mãos dadas com a extrema pobreza”.⁴⁷⁵

⁴⁷⁰ BENATTI, 1997.

⁴⁷¹ LEME, 2009.

⁴⁷² LEME, 2009.

⁴⁷³ BENATTI, 1997, p.25

⁴⁷⁴ FOLHA de Londrina. Pesquisa conjunta traça perfil dos moradores de rua de Londrina. 30 de abril de 2019. [online]. Nesta pesquisa, foram mapeados alguns pontos de maior aglomeração desta população, como: Terminal Rodoviário de Londrina, Praça Tomi Nakagawa (área central), Praça da Avenida Tiradentes (uma das avenidas de maior circulação). Mas há também outros lugares com tal presença, espalhados no entorno das áreas centrais.

⁴⁷⁵ AGÊNCIA UEL notícias. Pesquisa conjunta traça perfil dos moradores de rua de Londrina. 29 de abril de 2019. [online].

Em relação aos dados de 2021, segundo a secretária municipal de assistência social, responsável pelo trabalho de atendimento ao público que vive nas ruas,⁴⁷⁶ “na muita rotatividade de pessoas que passam por Londrina, o número de pessoas em situação de rua permanece o mesmo”, quando comparados com os indicativos de 2018,⁴⁷⁷ ou seja, cerca de mil pessoas.

Sobre os fatores que geram essa demanda social, existem diversas origens. Uma delas, o deslocamento intencional dessa população de outros lugares para Londrina. Segundo o poder público londrinense, são por volta de 33 municípios que encaminham seus moradores em situação de rua e de outros estados: “Muitas cidades do Paraná dão a passagem para virem a Londrina ou a própria prefeitura traz em vans e os deixam na rodoviária. Isto é muito errado e atrapalha o trabalho da Secretaria Municipal de Assistência Social, que não dá conta de todas essas pessoas”.⁴⁷⁸

3 A práxis evangélica diante da população em situação de rua

A presença evangélica em Londrina ocorre simultaneamente à chegada das primeiras famílias que migraram para a região movidas pelo sonho da posse da terra e cultivo de café. Já em 1932, quando eram apenas algumas dezenas de casas, chegaram as primeiras famílias protestantes, procedentes do interior de São Paulo: eram presbiterianos independentes e metodistas. Juntas, em uma aproximação fraterna, construíram o primeiro templo, bastante rústico, no qual iniciaram as primeiras atividades do rito protestante. Ao longo da década de 1930 e início dos anos 1940, chegaram presbiterianos, batistas e membros da Assembléia de Deus. Os evangélicos acompanharam assim o crescimento da cidade e nela marcaram presença, com seus templos e representativas instituições no campo da educação e da saúde. Essa trajetória projetou Londrina, em termos percentuais, como uma das cidades brasileiras com maior número de professantes da fé evangélica, representada por cerca de 32% da população.⁴⁷⁹

Tendo os evangélicos acompanhado todo o processo de estabelecimento de grupos sociais carentes ou em condição de vulnerabilidade nas ruas de Londrina, pergunta-se: qual tem sido sua práxis em relação a essa demanda?

Em pesquisa realizada, constatou-se que apenas quatro igrejas evangélicas desenvolvem algum trabalho com a população em situação de rua, das quais, três serão destacadas a seguir.

Primeiro exemplo: a Igreja Nova Aliança (INA). Iniciou suas atividades em Londrina na década de 1960. É uma igreja local, de perfil neopentecostal, que possui cerca de 4 mil membros. A localização do templo está na área central, em frente à praça onde historicamente se concentra o maior número de pessoas em situação de rua, o mesmo local de onde, nas décadas de 1940 e 50, ocorreu a expulsão daqueles que eram

⁴⁷⁶ A prefeitura municipal, atualmente, mantém o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), que oferece 20 refeições e 30 banhos por dia. Atualmente, há acomodação para 100 pessoas possam ser atendidas com alojamento para pernoite. Neste ambiente há uma estrutura de assistência formada por profissionais do Serviço social, Psicologia e Terapia Ocupacional.

⁴⁷⁷ FOLHA de Londrina, 03 de março de 2021. [online].

⁴⁷⁸ FOLHA de Londrina. Moradores em situação de rua são trazidos para Londrina por outras prefeituras. 2021. [online].

⁴⁷⁹ MUZIO, Rubens R. (Org.). *A revolução silenciosa*. Londrina. São Paulo: Editora Sepal, 2004.



acusados de prostituição e outras práticas indevidas para os chamados bons costumes da época.

A INA possui um departamento chamado “Evangelismo de rua”, que há 14 anos realiza um trabalho voltado à população em situação de rua. Em entrevista⁴⁸⁰ concedida, o líder desse trabalho, identificado por D.T.B., diz que, antes de vir para Londrina, havia vivido nas ruas por 11 anos quando residia em São Paulo. Após ser convertido à fé evangélica, pelo trabalho feito por uma igreja nas ruas daquela cidade, chegou a Londrina, onde liderou a implantação desse projeto como membro da INA.

No início do trabalho, formou-se uma equipe de 30 pessoas, exclusivamente do sexo masculino: “todos homens casados, a faixa etária é de 20 a 46 anos, pois saímos nas madrugadas e muitas vezes encontramos os indivíduos nas ruas, alterados pela drogadição”.⁴⁸¹ No primeiro formato, saíam às ruas de dois em dois, conhecendo as pessoas, acolhendo e encaminhando-as para abrigos da cidade, mantidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS). Depois, implementaram no entorno da rodoviária – local de expressiva concentração desse público - um trabalho de corte de cabelo e barba nas abordagens, munidos de todos os insumos para o atendimento:

Com dois barbeiros profissionais na equipe, iam à rodoviária, faziam o acolhimento, quando era oferecido um kit de roupas, sapatos e peças íntimas. Após os cuidados muitos deles, quando se viam no espelho diziam, como relata Daniel (aqui, um pseudônimo): “Quero que minha mãe me veja assim, nem eu mesmo me lembrava dessa pessoa”. Por noite, eram atendidos por volta de 40 a 50 pessoas que estavam na rodoviária.⁴⁸²

Posteriormente, o grupo passou a sair às ruas todas as segundas-feiras, a partir das 22:00 horas, contando com um veículo picape para transportar o gerador de energia, uma tenda para o acolhimento das pessoas e os alimentos que seriam ofertados.

Ao responder sobre como a igreja se organiza para que o trabalho aconteça, relata que:

Fazemos treinamentos, ministrações, com mídias de outras abordagens que fizemos e encenações de como realizar a abordagem, antes de levarmos os novos integrantes para as ruas. Pois, muitos têm o desejo ardendo nos seus corações, porém sem noção nenhuma de como as coisas são na prática. Digo, que tem que ter primeiramente muito amor, porque eles beijam, abraçam e agarram muito. O novo participante depois da capacitação interna, nos acompanha durante duas ou três semanas nas abordagens, em

⁴⁸⁰ Gravação em áudio, 2021. [arquivo pessoal].

⁴⁸¹ Depoimento de D.T.B., 2021.

⁴⁸² Depoimento de D.T.B., 2021.

observação e depois deste período de formação, começa a evangelizar.⁴⁸³

Sobre parceria com o poder público, menciona um convênio feito com a Secretaria Municipal de Assistência Social, para auxílio à população em situação de rua no restaurante popular mantido pelo município: “a parceria com a SMAS, no restaurante popular foi algo muito bom [...] Uma vez por semana a INA envia alimentos e uma equipe para preparar e servir ao público que vive nas ruas”.⁴⁸⁴

Sobre os desafios, enquanto um ex-morador que ficou nas ruas por mais de 11 anos, diz que “sabe a linguagem das ruas e o que eles precisam enquanto estão nesta situação”. E cita:

Muitos não querem sair das ruas, se acomodaram e está tudo muito bom. Falo pela minha experiência, eu amo o cheiro da rua, de sentir e estar com eles, mas hoje de um outro lado, porque vejo tudo com olhos de amor. Muitos de nossa equipe, já vivenciaram o outro lado e servem ao ministério com conhecimento de causa, pois sabem da necessidade de libertação que os moradores têm.⁴⁸⁵

Aponta um outro desafio enfrentado:

[...] ver os anos passarem em voltarmos semanas após semanas e ver as pessoas nas mesmas condições, sem expectativas de mudança. Na rua eles encontram tudo, não falta comida, roupas, se quiserem tomar banho, vão a um posto de gasolina, as drogas e bebidas são de fácil acesso. Uma liberdade falsa.⁴⁸⁶

Segundo exemplo: a Bola de Neve Church (BNC). Essa igreja está situada nas proximidades da Avenida Tiradentes, um dos locais de maior concentração da população em situação de rua. De perfil neopentecostal, com origem na cidade de São Paulo, tem sua proposta religiosa voltada às chamadas “tribos urbanas”. Em Londrina, foi criado o departamento de assistência social, denominado “Pão da Vida”, que atende a população em situação de rua. Entrevistas⁴⁸⁷ realizadas com dois líderes da BNC,⁴⁸⁸ revelaram que esse projeto assistencial nasceu “com o propósito de levar o alimento físico, mas também auxílio no espiritual, com atendimentos aos casos de drogadição de substâncias tóxicas, envolvendo a população em situação de rua”.⁴⁸⁹

O projeto conta com 34 integrantes, na maioria, mulheres. Organizam-se em escalas semanais, nas quais se escolhe um líder de equipe para a organização dos alimentos, roupas de doação e da rota a ser percorrida pelas ruas. A rota não é fixa,

⁴⁸³ Depoimento de D.T.B., 2021.

⁴⁸⁴ Depoimento de D.T.B., 2021.

⁴⁸⁵ Depoimento de D.T.B., 2021.

⁴⁸⁶ Depoimento de D.T.B., 2021.

⁴⁸⁷ Gravação em áudio, 2021. [arquivo pessoal].

⁴⁸⁸ Aqui identificados pelas letras iniciais de seus nomes: P.E. e M.B.

⁴⁸⁹ Depoimento de M.B.

como afirma MB: “eles (moradores em situação de rua), não ficam sempre nos mesmos locais”.

Ao perguntar sobre como a igreja se organiza e se prepara para esse trabalho, os líderes afirmam que inicialmente é feita uma conscientização geral aos membros da igreja, a partir do que se levantam voluntários. Em seguida, os participantes da equipe passam por um treinamento sobre como abordar e proceder na atuação de rua. Pontua-se que, por haver parte das pessoas em situação de rua envolvidas com dependência química, é preciso estar preparado nas abordagens, vistos que ficam alterados em seu comportamento.

O público atendido semanalmente é em maioria do sexo masculino. Observam que, após algumas semanas de trabalho com um indivíduo ou grupo, “um dos desafios enfrentados é a falta de vaga para internamento; é muito difícil uma vaga social. Porque se tivéssemos um local para encaminhá-los, seria muito mais eficiente o nosso trabalho”.⁴⁹⁰ A casa de recuperação existente na cidade, que mantinha duas vagas para a BNC, fechou, deixando ainda mais difícil o trabalho assistencial. Outro desafio citado é que todos na abordagem sempre querem se internar, mas há uma triagem e regras a seguir: “eles devem frequentar três cultos no domingo, no terceiro a instituição encaminha para o internamento”.⁴⁹¹

A igreja não possui parceria com o poder público, sendo por isso ainda mais complexo o aparato social que esta demanda requer. Esse projeto social se mantém com doações dos membros da igreja, com roupas e alimentos para o lanche, e com contribuições de comerciantes da região.

Quando indagados sobre o conhecimento de outras comunidades evangélicas fazendo trabalho similar, ou se já propuseram algum trabalho de parceria com outras igrejas evangélicas para esse trabalho, responderam que existe um certo preconceito em relação à parceria, por ser BNC, ocorrendo assim afastamento quando se encontram nas abordagens de rua.

Os entrevistados afirmam que esse público de rua é invisível para o Estado e instituições eclesiais, que os cristãos que estão dentro das igrejas não têm consciência de tal situação, ou têm preconceitos como: “o cara é vagabundo ou está ali por escolha própria”.⁴⁹²

Quando indagados, a partir da experiência que têm neste trabalho, sobre os fatores ou motivos que levam as pessoas a viver nas ruas, respondem:

a maioria sofreu alguma desilusão amorosa, e achou nas ruas a válvula de escape para seus problemas. Por inúmeras situações que os levaram a procurarem ajuda no álcool, nas drogas e a família não suportando, os coloca para fora de casa, sendo este o último vínculo que quebra, o familiar, quando a família desiste deles.⁴⁹³

Comentam que já encontraram na rua advogados, professores universitários, empresários; pessoas instruídas, mas que não suportaram problemas pessoais e

⁴⁹⁰ Depoimento de M.B.

⁴⁹¹ Depoimento de M.B.

⁴⁹² Depoimento de P.E. e M.B., 2021.

⁴⁹³ Depoimento de M.B., 2021.

decidiram viver nas ruas. A questão econômica nem sempre é o fator principal para essa condição nas ruas:

Já encontramos na rua um casal de professores universitários de nossa cidade. Que têm filhos, hoje já são maiores de idade, que estavam limpos há mais de 20 anos, e um certo dia resolveram se drogar novamente, e não suportando a situação deles, foram para as ruas. Neste caso a família os procuram, oferece ajuda para retornarem ao lar, mas até onde se sabe, continuam nas ruas de Londrina.⁴⁹⁴

Dentre os sonhos acalentados pelo projeto Pão da vida da BNC, está a aquisição de uma casa de recuperação feminina, “porque as mulheres ninguém quer cuidar, pois a maioria é abusada e chegam grávidas, assim não tem aparato direcionado para elas” – afirmam os líderes entrevistados⁴⁹⁵. Outra projeção feita é a de que a igreja está adquirindo um espaço bem maior do que o atual para seu funcionamento, no qual haverá um anexo nas dependências do templo voltado para o atendimento da população em situação de rua: “para tomar banho, uma cozinha para a preparação de refeições, um salão para oficinas e ministrações”.⁴⁹⁶

Terceiro exemplo: a Comunidade de Vidas Restauradas. Localizada em um dos bairros mais populosos de Londrina, de perfil neopentecostal, iniciou um trabalho há 13 anos com a população em situação de rua. A primeira estratégia foi servir um café da manhã ou um jantar, semanalmente, abrindo com essa oferta um canal de comunicação com esse público. No início eram servidas de 20 a 50 refeições e, atualmente, um total de 150 refeições semanais.

Mesmo que situada em uma região de poder aquisitivo baixo, o pastor da igreja,⁴⁹⁷ em entrevista,⁴⁹⁸ observa que “mesmo com toda dificuldade para realizar o trabalho, a igreja conseguiu montar uma padaria para a preparação dos pães e bolos para o café”.⁴⁹⁹ Também realiza, periodicamente, a distribuição de cestas básicas a essa população. O número de voluntários é de 25 participantes, a maioria mulheres.

Ao responder sobre os resultados colhidos do trabalho com os moradores em situação de rua, destaca casos atendidos que foram enviados para clínicas de recuperação, retornando posteriormente para suas famílias. Ressalta o líder que a comunidade não trabalha com a perspectiva de encher a igreja com novos membros, mas de servir a cidade cumprindo seu papel social.

Devido ao acúmulo de instituições, não somente evangélicas, mas também católicos e espíritas, na distribuição de alimentos, ao ser questionado se já houve algum tipo de organização ou parceria para o melhor atendimento da população em situação de rua, o pastor relata:

⁴⁹⁴ Depoimento de M.B., 2021.

⁴⁹⁵ Depoimento de P.E. e M.B., 2021.

⁴⁹⁶ Depoimento de P.E., 2021.

⁴⁹⁷ Identificado aqui pelas iniciais do nome D.T.F.

⁴⁹⁸ Gravação em áudio, 2021. [arquivo pessoal].

⁴⁹⁹ Depoimento de D.T.F., 2021.

Até tentamos, mas sem êxito, pois existe uma certa concorrência entre as instituições. Havendo até uma certa hostilidade, entre os participantes. Aconteceu certa vez de estarmos atendendo e distribuindo marmitas e chegar outra equipe e brigar conosco, dizendo que aquele ponto era deles.⁵⁰⁰

Sobre a origem dos que estão nas ruas, o líder observa que “é uma dificuldade que vem de outros municípios, pois há relatos de transportes fretados por prefeituras vizinhas que vem e depositam essas vidas aqui, porque aqui tem esse acolhimento”.⁵⁰¹ Aponta também outro aspecto:

O fator familiar é o principal fator para que esses indivíduos vão para as ruas. É minoria as pessoas que não têm família ou condições de ter uma moradia, mas são os dependentes químicos, alcoólatras a grande maioria, e a família não suportando o vício os coloca na rua. Famílias geraram filhos excluídos e invisíveis que estão em nossas ruas hoje”.⁵⁰²

Conclusão

Da análise aqui realizada, destacam-se três principais conclusões.

Primeiro, constata-se que a absoluta maioria evangélica não realiza nenhum trabalho específico voltado à população em situação de rua. Os números indicam isso: atualmente, Londrina conta com aproximadamente 800 templos evangélicos; são mais de 700 pastores atuantes na cidade.⁵⁰³ Desconhecimento, indiferença, invisibilidade ou preconceito, são termos que melhor definem esse comportamento evangélico. Em entrevista,⁵⁰⁴ o presidente do Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina, quando indagado sobre o assunto, respondeu: “as questões que envolvem a população em situação de rua são um problema do município, do poder público, e não da igreja. Pagamos nossos impostos para que o estado ou o município façam isso”.⁵⁰⁵ Outro aspecto a se destacar: dos quatro segmentos evangélicos que realizam trabalho com esse público, todos são de perfil neopentecostal; nenhuma das igrejas do protestantismo clássico – como presbiterianos, batistas ou metodistas -, que chegaram a Londrina bem no início de sua formação, realiza qualquer atividade voltada a essa demanda social.

Segundo, o tipo de trabalho desenvolvido pelas comunidades evangélicas identificadas, é marcadamente assistencial, limitando-se em grande parte à entrega de alimentos, algum procedimento sanitário ou higiênico. Em menor escala, ocorre um trabalho mais impactante, no sentido de conseguir reverter a realidade em que se encontram, como por exemplo: encaminhamento para instituições em condição de

⁵⁰⁰ Depoimento de D.T.F., 2021.

⁵⁰¹ Depoimento de D.T.F., 2021.

⁵⁰² Depoimento de D.T.F., 2021.

⁵⁰³ Dados obtidos junto ao Conselho de Pastores Evangélicos de Londrina – órgão oficial representativo do segmento evangélico na cidade, em novembro de 2021.

⁵⁰⁴ Gravação em áudio, 2021. [arquivo pessoal].

⁵⁰⁵ Depoimento concedido por A.V. – presidente do Conselho de Pastores de Londrina, na gestão 2020-2021.

oferecer amparo à saúde física e emocional, recolocação no mercado de trabalho, ter condições de obter uma moradia, obter tratamento que permita se desvencilhar do uso de drogas ilícitas, ou retorno aos vínculos familiares rompidos.

Terceiro, para uma práxis mais efetiva e transformadora da realidade, requer-se um trabalho de parceria entre as igrejas e estas com o poder público, investimentos de mais recursos para ampliação do trabalho social já existente, além de maior conscientização dos evangélicos sobre o papel social a ser desempenhado em favor dos que se encontram em vulnerabilidade. Sobre os recursos econômicos, destacou-se a dificuldade para a busca de parcerias com os setores públicos e privados; e para os recursos humanos, constatou-se a necessidade de voluntários para a ação social mais efetiva com este contingente populacional. Também seria importante um esforço mais coletivamente participativo do Conselho de Pastores Evangélicos, como órgão representativo das instituições evangélicas.

Visto que cada vez mais pessoas fazem das ruas seu local de moradia de forma permanente ou temporária, essa realidade não deve ser naturalizada e essa população não pode ser invisibilizada. A rua, neste contexto, é lugar de desproteção e, numa sociedade desenvolvida, o direito ao trabalho, à habitação e acesso aos direitos básicos, deve ser garantido, para o pleno exercício da cidadania.

Referências

- ADUM, Sonia Maria S. Lopes. Historiografia norte paranaense: alguns apontamentos. In: ALEGRO, Regina Célia et al. (Orgs.). *Temas e questões para o ensino de história do Paraná*. Londrina: Eduel, 2008. p. 2-20.
- ADUM, Sonia Maria S. Lopes. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina (1930-1960)*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991.
- AGÊNCIA UEL notícias. Pesquisa conjunta traça perfil dos moradores de rua de Londrina. 30 de abril de 2019. Disponível em: https://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&id=28373 Acesso em: 30 jan. 2021.
- ALVES, Jolinda de Moraes. *História da assistência social aos pobres em Londrina: 1940-1980*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2002.
- ARIAS NETO, J. Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)*. 2. ed. Londrina: EDUEL, 2008.
- BARNABÉ, Marcos Fagundes. *A organização do território e o projeto de cidade: O caso da Companhia de Terras Norte do Paraná*. São Carlos, 1989. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1989.
- BENATTI, Antonio Paulo. *O centro e as margens: prosituição e vida boêmia em Londrina (1930-1960)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- BRASIL. Decreto n. 7053 de 23 de dezembro de 2009 institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2009/decreto/d7053.html. Acesso em: 13 abr. 2021.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Unesp, 2008.

CARLOS, Ana F. A. *Espaço e tempo na metrópole*. São Paulo, Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel. *Andando na Cidade*. *Cidade Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.º 23, 1994.

DEPOIMENTO de A.V. Gravação em áudio. [arquivo pessoal].

DEPOIMENTO de D.T.B., 2021. Gravação em áudio. [arquivo pessoal].

DEPOIMENTO de M.B. Gravação em áudio. [arquivo pessoal].

DEPOIMENTO de P.E. e M.B. Gravação em áudio. [arquivo pessoal].

FOLHA de Londrina, 03 de março de 2021. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/transmidia/a-invisivel-vida-nas-ruas-de-londrina-3229245e.html> Acesso em: 28 jan. 2021.

FOLHA de Londrina, ago. 1952.

FOLHA de Londrina. *A invisível vida nas ruas de Londrina. Homens e mulheres com histórias singulares usam as ruas e espaços públicos da cidade como moradia e lutam para sobreviver*. 03/03/2021.

FOLHA de Londrina. *Moradores em situação de rua são trazidos para Londrina por outras prefeituras*. 2021. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/moradores-em-situacao-de-rua-sao-trazidos-para-londrina-por-outras-prefeituras-3061305e.html>, 2021. Acesso em: 01 fev. 2021.

IBGE, 1950. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=767&view=detalhes> Acesso em: 25 jan. 2021.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M.A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

LEME, Edson Holtz. *Noites ilícitas. Histórias e memórias da prostituição*. Londrina: Eduel, 2009.

MUZIO, Rubens R. (Org.). *A revolução silenciosa*. Londrina. São Paulo: Editora Sepal, 2004.

PROENÇA, Wander de Lara. *O método da observação participante: relevância e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro*. *Revista Aulas*, Unicamp, Dossiê Religião, n.4, abr./jul. 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf Acesso em: 20 jan. 2021.

SILVA, Sara H. *Avenida Higienópolis: um retrato da burguesia londrinense nas décadas de 30, 40, 50 e 60*. *Anais do XIX EAIC – 28 a 30 de outubro de 2010*, Unicentro, Guarapuava –PR.



SUZUKI, Juliana Harumi. Considerações sobre o urbanismo de Londrina e suas relações como o modelo de cidade-jardim. *Terra e Cultura*, Unifil, ano XVIII, n.35, p.25, 2021.

SZMRECSANYI, Maria Irene. O modelo das cidades-jardins no norte do novo Paraná. *Revista USP / Pos FAUUSP*, n.8, 2000, p.177-197.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Fundamentos da Teologia Prática*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ZANIRATO, Silvia Helena. O patrimônio cultural em cidades novas. Leituras da política patrimonial paranaense. II encontro cidades novas - a construção de políticas patrimoniais: Mostra de Ações Preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do País. Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Londrina-PR. 13 a 16 de outubro de 2009. Disponível em:

https://web.unifil.br/docs/semana_educacao/1/completos/O6.pdf Acesso em: 11 jan. 2021.